
Português – QUESTÕES de 01 a 06

LEIA CUIDADOSAMENTE O ENUNCIADO DE CADA QUESTÃO, FORMULE SUAS RESPOSTAS COM OBJETIVIDADE E CORREÇÃO DE LINGUAGEM E, EM SEGUIDA, TRANSCREVA COMPLETAMENTE CADA UMA NA FOLHA DE RESPOSTAS.

INSTRUÇÕES:

- Responda às questões, com caneta de tinta AZUL ou PRETA, de forma clara e legível.
- Caso utilize letra de imprensa, destaque as iniciais maiúsculas.
- O rascunho deve ser feito no espaço reservado junto das questões.
- Na Folha de Respostas, identifique a numeração das questões e utilize APENAS o espaço correspondente a cada uma.
- Será atribuída pontuação ZERO à questão cuja resposta
 - não se atenha à situação ou ao tema proposto;
 - esteja escrita a lápis, ainda que parcialmente;
 - apresente texto incompreensível ou letra ilegível.
- Será ANULADA a prova que
 - não seja respondida na respectiva Folha de Respostas;
 - esteja assinada fora do local apropriado;
 - possibilite a identificação do candidato.

Questão 01 (Valor: 15 pontos)

Um observador reconheceria nesse disparate a prova material de completa divergência entre a vida exterior e a vida doméstica da pessoa que ocupava esta parte da casa.

Se o edifício e os móveis estacionários e de uso particular denotavam escassez de meios, se não extrema pobreza, a roupa e os objetos de representação anunciavam um trato de sociedade, como só tinham cavalheiros dos mais ricos e francos da Corte.

Esta feição característica do aposento repetia-se em seu morador, o Seixas, derreado neste momento no sofá da sala, a ler uma das folhas diárias, estendidas sobre os joelhos erguidos, que assim lhe servem de cômoda estante.

É um moço que ainda não chegou aos trinta anos. Tem uma fisionomia tão nobre, quanto sedutora; belos traços, tez finíssima, cuja alvura realça a macia barba castanha. Os olhos, rasgados e luminosos, às vezes coalham-se em um enlevo de ternura, mas natural e estreme de afetação, que há de torná-los irresistíveis quando o amor os acende. A boca vestida por um bigode elegante mostra o seu molde gracioso, sem contudo perder a expressão grave e sóbria, que deve ter o órgão da palavra viril.

ALENCAR, José de. Senhora. In: COUTINHO, Afrânio et al. (Org.). **José de Alencar**: ficção completa e outros escritos. 3. ed. Rio de Janeiro: Aguilar, 1965. p. 679-680. (Biblioteca Luso-Brasileira. Série Brasileira).

Uma produção verbal pode ser organizada por meio de diferentes tipos de textos. Os mais comuns são a narração, a descrição e a argumentação.

Considerando que, em uma produção textual, esses tipos podem se mesclar ou não, faça um comentário sobre a composição do fragmento do romance *Senhora*, em destaque acima.

Questão 02 (Valor: 20 pontos)



I. DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL – filme de Glauber Rocha.

Tomada aérea – Paisagem de Cocorobó, descortinando terra batida de sol, favelas, mandacarus, macambiras. Elevações e vales perdem-se no horizonte. Ouve-se a *Canção do Sertão*, de Villa-Lobos. Desenrola-se o letreiro.

*De nobrezas destruídas
Vaza-Barris e outros sangues
Destas tristes riquezas
Diluídas pelos mangues
De um campo de memórias
Cocorobó e tantos nomes
De sertões ignorados
Pelos margens destes homens
De uma guerra destronada*

*De todas glórias e sentidos
Desta morte inacabada
No agreste dos espinhos
Do Diabo instalado
Nas veredas do destino
E Deus na marca de couro
Do cavalo e seu vaqueiro
Esta estória da verdade
De beato e cangaceiro.*

No quadro, surgem gravuras populares do Nordeste, mostrando beatos, cangaceiros, vaqueiros, mendigos, jagunços, bois, vacas, cavalos e armas.

Voz de um cego: *Vou contá uma estória
Na verdade e imaginação
Abra bem os seus olhos
Pra escutá com atenção
É coisa de Deus e Diabo
Lá nos confins do sertão.*

ROCHA, Glauber. **Deus e o diabo na terra do sol**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965. p. 32-33.

II. Assim como a natureza foi apresentada ora com atributos paradisíacos, ora como infernal, também ao sertão atribuíram-se qualidades positivas e negativas. Ao mesmo tempo em que é apresentado como um lugar inóspito, onde a vida é difícil porque se trata de terra pouco povoada, agreste, é entretanto habitada por gente brava e destemida: o heróico sertanejo. Nesse sentido, “aparece no imaginário social a idéia de que não há um sertão, mas muitos sertões e que o sertão pode e deve ser tomado como metáfora do Brasil.” (OLIVEIRA, 1998, p.197).

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. O sertão e a identidade nacional em Capistrano de Abreu. In: BURITY, Joanildo A. (Org.). **Cultura e identidade: perspectivas interdisciplinares**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 108.

A partir de uma reflexão sobre os textos apresentados em **I** e **II**, comente a relação que se estabelece entre o espaço geográfico e o homem que o habita, justificando a idéia de que “o sertão” pode ser a metáfora do Brasil.

QUESTÕES 03 e 04

I. Esta terra, Senhor, parece-me que, da ponta que mais contra o sul vimos, até outra ponta que contra o norte vem, de que nós deste ponto temos vista, será tamanha que haverá nela bem vinte ou vinte e cinco léguas por costa. Tem, ao longo do mar, em algumas partes, grandes barreiras, algumas vermelhas, outras brancas; e a terra por cima é toda chã e muito cheia de grandes arvoredos. De ponta a ponta é tudo praia redonda, muito chã e muito formosa.

5 - Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande, porque a estender d'olhos não podíamos ver senão terra com arvoredos, que nos parecia muito longa.

[...]

10 - As águas são muitas e infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo aproveitá-la, tudo dará nela, por causa das águas que tem.

Porém, o melhor fruto que dela se pode tirar me parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza nela deve lançar.

CASTRO, Silvio. **A carta de Pero Vaz de Caminha**. Porto Alegre: L&PM, 1996. p.97-98.

II. — Em toda a parte — não acha, meu padrinho? — há terras férteis.

5 - Mas como no Brasil, apressou-se ele em dizer, há poucos países que as tenham. Vou fazer o que tu dizes: plantar, criar, cultivar o milho, o feijão, a batata inglesa... Tu irás ver as minhas culturas, a minha horta, o meu pomar — então é que te convencerás como são fecundas as nossas terras!

A idéia caiu-lhe na cabeça e germinou logo. O terreno estava amanhado e só esperava uma boa semente. [...]

[...]

10 - As primeiras semanas que passou no “Sossego”, Quaresma as empregou numa exploração em regra da sua nova propriedade. Havia nela terra bastante, velhas árvores frutíferas, um capoeirão grosso com camarás, bacurubus, tinguacibas, tibibuias, monjolos, e outros espécimes. Anastácio que o acompanhara, apelava para as suas recordações de antigo escravo de fazenda, e era quem ensinava os nomes dos indivíduos da mata a Quaresma muito lido e sabido em coisas brasileiras.

BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: Ática, 1996. p. 74-76.

Questão 03 (Valor: 15 pontos)

Analise o jogo semântico, ou seja, a polissemia que se verifica no emprego da palavra “semente” (I, l. 12) em comparação com “semente” (II, l. 7), identificando, qual o sentido em que essa palavra foi usada em cada caso.

Questão 04 (Valor: 15 pontos)

Considerando o processo de idealização presente no discurso crítico-ufanista do Major Quaresma (II) e nesse trecho da carta de Caminha (I), estabeleça uma comparação entre aquilo que vai acontecer no sítio Sossego e a descrição de Caminha sobre a paradisíaca terra descoberta.

Questão 05 (Valor: 15 pontos)

Eu a vejo e parece que vem de longa viagem. O Largo da Palma, tão quieto e assim vazio de gente, talvez seja agora o mais tranqüilo recanto de Salvador da Bahia. [...] O largo seria apenas isso não fosse a mulher que vem tropeçando muito, talvez bêbada ou uma epiléptica, quase a alcançar a escadaria do pátio da igreja. Cai, estremecendo, em silêncio.

5 -

[...]

[...] A morta, ali no chão, me leva tão longe no tempo que revejo o corredor, estreito e comprido, na penumbra. O fio vinha do alto e a lâmpada tão fraca que era menos que a luz de uma vela. Oito ou dez quartos, de um e de outro lado, como cárceres numa prisão.

10 - Ali as mulheres se deitavam com os homens e, quando o colega do armazém me levou pela primeira vez — para que, pela primeira vez, me tornasse homem no corpo de uma mulher — , vi alguém como esta que acabou de morrer no Largo da Palma. [...]

[...]

15 - Pareceu-me que, ao entrar no largo, vinha de longa viagem. Certeza tenho agora de que vinha de tão longa viagem, mas de tão longa viagem que a morte não a interrompeu. Em delírio, já criatura de um mundo que não o nosso, entre cores e luzes, a morte não a matou porque morreu fora do corpo. E, por isso, não morreu no Largo da Palma.

ADONIAS FILHO. Um corpo sem nome. In: **O largo da Palma**: novelas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. p. 73-82.

Com base no fragmento transcrito e na leitura da novela *Um corpo sem nome*, comente a afirmação:

“Certeza tenho agora de que vinha de tão longa viagem, mas de tão longa viagem que a morte não a interrompeu.” (l. 12-13).

Questão 06 (Valor: 20 pontos)

I. Plácido Rodrigues, o padrinho de Cândida, conseguiu vencer a justíssima repugnância, talvez a instintiva ou providencial obstinação da afilhada, trazendo-lhe de presente para sua mucama a crioula Lucinda, que sabia pentear e fazer bonecas.

Depois da ama, mulher livre, a mucama, crioula escrava!...

Cândida tinha perdido a companhia da mulher que era nobre, porque era livre, e o serviço de braços animados por coração cheio de amor generoso, que é somente grande, quando a liberdade exclui toda imposição de deveres forçados por vontade absoluta de senhor.

E em substituição da companheira livre, amiga, e devotada, recebeu alegre a crioula quase de sua idade, a mulher escrava, uma filha da mãe fera, uma vítima da opressão social, uma onda envenenada desse oceano de vícios obrigados, de perversão lógica, de imoralidade congênita, de influência corruptora e falaz, desse monstro desumanizador de criaturas humanas, que se chama escravidão.

MACEDO, Joaquim Manuel de. **As vítimas-algozes**: quadros da escravidão. 4 ed. São Paulo: Zouk, 2005. p. 127.

II. Dafé abraçou a cabeça do avô, encostou-a no peito e chorou sem fazer barulho, para que ele não levantasse os olhos e visse suas lágrimas. Disse que não havia ninguém que pudesse querer mais bem a alguém do que ela a ele, porque para ela não era somente avô, era pai, professor, companheiro, amigo, tudo no mundo. Avô melhor do que ele, pai melhor, nada melhor podia haver e, se ela saísse pelo mundo algum dia, nunca ia esquecê-lo, nem deixar de honrar seu nome e memória, nem deixar de vir vê-lo todas as vezes em que pudesse, nem deixar de lhe querer tanto bem que também lhe dava gastura no coração e o queixo tremia da afeição que queria transbordar do peito.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Viva o povo brasileiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 379.

III. [...] Pese a muitas consciências instaladas em maus hábitos ou em maus princípios, a razão por que me ofereci para defender dois réus indefesos e a razão por que estou aqui como governador das ilhas é uma e a mesma: porque eu, e muita gente comigo, entendo que chegou a altura de Portugal ser, não apenas um país colonizador, mas também um país civilizador. [...] Estes dois réus que aqui estão hoje são — porque assim o quisemos, assim o definimos e assim o proclamamos ao mundo — cidadãos portugueses. É verdade que são negros e nem português falam, mas são tão portugueses como eu ou qualquer um de nós — os da metrópole — nesta sala. [...]

TAVARES, Miguel Sousa. **Equador**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004. p. 367.

Os textos de onde foram extraídos os fragmentos transcritos discutem, em contextos sócio-históricos distintos, a condição do negro.

Com base na leitura das obras, analise os pontos de vista que se manifestam em cada um desses fragmentos.